

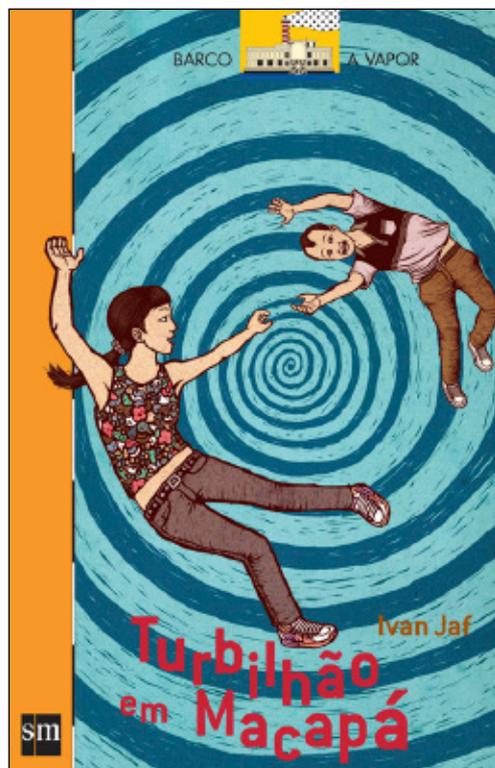
Turbilhão em Macapá

Ivan Jaf



Temas Conflito familiar; Amadurecimento; Diversidade regional;
Diferenças sociais
Gênero Romance

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Laranja nº 23
192 páginas



O LIVRO João acaba de perder a mãe e, em um momento de crise emocional e profissional, vive um conflito com a filha, Paula, pré-adolescente que mora com a mãe e o padrasto. Mimada e consumista, moradora da zona sul do Rio de Janeiro e freqüentadora de *shoppings*, Paula não compreende nem aceita a personalidade do pai, homem criativo e contestador, com idéias próprias a respeito da vida. Numa tentativa de aproximação, João viaja com a filha para Macapá, no Amapá, em busca da resposta a uma intrigante questão: em uma pia cheia de água, o líquido gira em direção ao ralo em sentido anti-horário no hemisfério norte?

Na convivência diária durante os dias de viagem, às vezes tumultuada, pai e filha conhecem a realidade brasileira e recuperam o afeto e o respeito entre si.

O AUTOR Ivan Jaf nasceu em 1957, no Rio de Janeiro. Começou a estudar Filosofia e Comunicação na UFRJ, mas não concluiu nenhum dos cursos. Preferiu viajar para a Europa e América Latina. De volta à sua cidade natal, não parou mais de escrever. Já trabalhou como roteirista de histórias em quadrinhos e de cinema e fez adaptações para o teatro. Autor de mais de trinta títulos, cada ano Ivan Jaf ganha mais destaque por sua produção em literatura juvenil, sendo reconhecido por renomadas instituições de livro, entre elas a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

O ILUSTRADOR Adams Carvalho nasceu em 1979 em Sorocaba, São Paulo. Formado em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (ECA-USP), já participou de diversos festivais de cinema e animação no Brasil e no exterior, sendo premiado em alguns deles. Adams trabalha com pintura, ilustração e desenho animado e atualmente é colaborador do jornal *Folha de S. Paulo*.



Mergulhando na temática

O EFEITO CORIOLIS

Produzido pelo fenômeno denominado força de Coriolis em homenagem ao cientista Gustave Coriolis (1792-1843), o responsável por detectar que o movimento de grandes massas de água ou de ar sobre a superfície da Terra apresenta uma tendência para girar em sentido horário no hemisfério sul e anti-horário no hemisfério norte. Isso ocorre por causa da rotação da Terra, em cujo movimento há uma força que afeta a mobilidade de um corpo de maneira diferente nos dois hemisférios. Assim, devido a essa “força”, grandes massas de ar entram em rotação, em espiral, dando origem a tornados, ciclones e tufões, que giram em sentido inverso em cada um dos hemisférios.

O efeito da força de Coriolis também pode ser observado no movimento de partículas em suspensão (areia, poeira ou fumaça), na direção do movimento giratório da tromba-d’água (sinônimo de turbilhão ou redemoinho de água que se forma no mar) e das correntes oceânicas, bem como das tempestades de areia no deserto.

No caso da água escoando pelo ralo de pias, banheiras ou tanques, a força de Coriolis é muito pequena, pois o volume de água e sua velocidade de escoamento não permitem que se possa observar o efeito Coriolis: a água pode escoar em sentido horário ou anti-horário no hemisfério sul e no hemisfério norte. A direção depende de outros fatores, tais como a dimensão da abertura do ralo, o formato da pia ou banheira, a força que se aplica na hora de abrir o ralo etc.

Para saber mais:

Projeto Ockham –
projetoockham.org/boatos_coriolis_1.html

INTERPRETANDO O TEXTO

O conflito entre pais e filhos não é novo, mas pode sempre ser tratado literariamente sob diferentes ângulos. Em *Turbilhão em Macapá*, o autor apresenta o assunto com criatividade, delicadeza e bom humor. A trama gira em torno de uma questão da Física, analisada de forma lúdica e simples: o **efeito Coriolis**. E é a busca pela comprovação desse efeito o pretexto para que seja analisado o relacionamento entre João e Paula, pai e filha, que vivem em mundos diferentes. Aflora aqui o primeiro aspecto de conflito entre os dois e que gera uma instigante reflexão sobre a realidade brasileira. Para o pai, a filha vive em um Brasil “de mentira” – ir a *shoppings*, freqüentar uma escola de elite, ter motorista particular, visitar a Disney etc. –, pois a maior parte da população brasileira não tem acesso a isso; no Brasil “de verdade”, pessoas passam fome, crianças vivem nas ruas, não freqüentam escolas decentes e seus pais não têm um emprego que lhes permita viver com dignidade.

Ele percebe, porém, que a filha despreza seu modo de vida despojado, seu apartamento pequeno e malcuidado, a falta de um carro, suas idéias e seus comentários críticos a respeito de uma sociedade excessivamente consumista num país socialmente desigual. Resolve, assim, mostrar a ela outro mundo, diferente daquele onde ela vive. Decide ir com a filha a Macapá, já acima da linha do equador, a fim de descobrir se realmente, como ele afirmara, a água que escorre no redemoinho do ralo na pia gira em sentido horário no hemisfério sul e no sentido anti-horário no hemisfério norte.

Apesar de não se interessar pelo assunto, considerar o pai um maluco, preferir ir para Miami a visitar Macapá e duvidar de suas palavras, a garota aceita acompanhá-lo, já que não teria com quem ficar, pois a mãe viajara de férias com o marido.

A partir daí, um mundo novo se abre: a descoberta da **diversidade brasileira**, o amadurecimento da relação afetiva que se reconstrói aos poucos entre pai e filha e a superação das próprias angústias por João.

Escrito em 3ª pessoa, o narrador onisciente permite ao leitor mergulhar nos sentimentos e dúvidas emocionais de João em relação às suas frustrações profissionais e quanto à imagem que a filha tem dele. Decidido a conquistar sua admiração, João discute vários assuntos com a garota, demonstrando uma experiência de

DIFERENTES, MAS IGUAIS

A extensão continental do Brasil e sua diversidade cultural geram diferenças regionais, sociais e econômicas entre os brasileiros. Origens, etnias, costumes familiares, hábitos sociais, gastronomia, registro lingüístico, perspectiva de vida, necessidades variadas, entre outras. Podemos ser e somos diferentes, mas nem por isso deixamos de ser iguais. Acima dessas diferenças, somos iguais ao partilhar um país e um único idioma oficial. Valorizar a diversidade, respeitando a pluralidade cultural do país, é uma forma de manter sua unidade, combatendo preconceitos e discriminação, quer de natureza étnica, social, cultural ou regional.

BRASIL: PAÍS CONTINENTAL

O Brasil é um país de dimensões continentais e isso fica evidente na viagem que pai e filha empreendem, da cidade do Rio de Janeiro a Macapá, aproximadamente 3.580 quilômetros de percurso. Essa imensidão geográfica equivale a quase um continente inteiro (o Brasil é o quinto maior país do mundo). Embora a referência popular mais conhecida à dimensão do Brasil seja a expressão “do Oiapoque ao Chuí” – lugares mencionados como os pontos extremos ao norte e ao sul e citados freqüentemente em poemas, músicas, narrativas –, isso não mais corresponde à realidade, pois os geógrafos corrigiram a localização dos pontos extremos do país. São eles: ao norte, a nascente do rio Ailã, no Monte Caburaí, Roraima; ao sul, o arroio Chuí, no Rio Grande do Sul; a leste, a Ponta do Seixas, na Paraíba; a oeste, a nascente do rio Moa, na serra de Contamana ou do Divisor, no Acre. ▶

vida singular que, ao longo da narrativa, vai cativando-a. Mas é também irônico em relação a si mesmo, duvidando de suas próprias habilidades e comentários.

Um dos pontos fortes da obra é o fato de pai e filha atravessarem grande parte do Brasil, saindo de uma realidade extremamente elitizada – a zona sul da cidade do Rio de Janeiro – para desembarcar no extremo norte do país, na linha do equador. A **exuberância continental** do país é descortinada: passam por Belo Horizonte, Brasília, sobrevoam o Pará, a ilha de Marajó, Belém, o rio Amazonas e a floresta amazônica, visitam Macapá e o Marco Zero da linha do equador. Nessas ocasiões, o pai tece comentários sobre vários aspectos geográficos, históricos, culturais e ecológicos a respeito dessas localidades, enriquecendo a leitura e propiciando ao leitor o contato com uma face diferente do país, sempre de maneira leve e acessível, sem didatismo.

A dúvida principal, entretanto, e que confere certo suspense à trama, é que as afirmações de João a respeito do efeito Coriolis parecem conter algum erro, mas o narrador mantém a expectativa do leitor quanto à causa disso. Percebe-se, porém, que algo não está acontecendo conforme o protagonista imaginara, pois, à medida que se aproxima de Macapá, seus testes na pia do banheiro deixam-no muito preocupado. Já na cidade, adia, sem maiores explicações, a visita ao Marco Zero, o ponto alto da experiência para confirmar a teoria da direção da água em redemoinhos na pia. Nesse local, seria comprovada – ou não – a influência da força de Coriolis no escoamento da água em ralos, já que, enfim, estariam no hemisfério norte.

Os conflitos gerados pelas queixas e mau humor da filha por causa da ausência de conforto na pousada em Macapá, pelo calor equatorial, pelo distanciamento emocional entre ambos, pelos problemas existenciais de João e por sua inquietação em relação ao efeito Coriolis agravam a crise; e ele começa a questionar suas próprias ansiedades e inseguranças, trazidas pelo fato de ter sido afastado da mãe quando bebê. Essas reflexões se tornam um momento de comunhão afetiva entre pai e filha, pois ambos reconhecem que têm medo da solidão e do abandono.

Nas visitas à cidade e a seus pontos turísticos, mais uma vez, João faz comentários e compartilha conhecimentos sobre vários assuntos com Paula, o que parece cada vez mais despertar a admiração da garota. Entretanto, ele não se dá conta dos sentimentos dela, pois ainda se sente angustiado, com um **turbilhão dentro de si**,



Macapá, capital do Amapá, fica a 345 quilômetros de Belém do Pará. O extremo sul do município é cortado pela linha do equador. A população local tem como língua oficial o português, mas algumas línguas indígenas e crioulas – misturas do francês falado na Guiana Francesa com algumas línguas nativas – são também praticadas.

Para saber mais sobre Macapá:

www.prefeiturademacapa.ap.gov.br/macapa.php

SOFRER AMADURECE?

“A sabedoria amadurece por meio do sofrimento”; “É bom aprender a ser sábio na escola da dor”, Ésquilo (525-456 a.C.). Essas duas frases nos mostram que já na Antiguidade havia a compreensão de que só se alcança a sabedoria com certo sofrimento. Pois é devido ao confronto direto com nossos medos e à reflexão sobre nossas angústias e inseguranças – os “turbilhões” da alma – que conseguimos chegar ao amadurecimento psicológico, afetivo e espiritual. Não se pode evitar a dor, já que ela é parte da vida; devemos transpô-la e, nessa travessia, buscar a liberdade interior. É isso o que acontece com o personagem de *Turbilhão em Macapá*: sai de sua vida frustrante e profissionalmente medíocre em direção à conquista da sabedoria e serenidade, ultrapassando o medo e a angústia num percurso de dor que é uma viagem interior. De certo modo, é também o que acontece com Paula: o impacto de uma realidade desconhecida fortalece sua personalidade e a torna mais madura, com novos conceitos sobre a vida.

e os dois não conseguem se entender. O título faz sentido nesse momento: o “turbilhão” está na cabeça dele.

O mistério sobre o efeito Coriolis continua, assim como a curiosidade do leitor. Finalmente, o teste no banheiro da lanchonete ao lado do Marco Zero é feito e indica que, sim, a água no ralo escorre em sentido anti-horário no hemisfério norte, mas o protagonista parece perturbado com o resultado.

Continuando a viagem, pai e filha conhecem uma família local que mora em uma casa de palha dentro da floresta amazônica, em um local afastado de Macapá, e passam ali várias horas. O acolhimento da família, a beleza e o silêncio do lugar sensibilizam os dois, trazendo-lhes paz e, após deixarem o local, o momento da revelação e comunhão entre pai e filha. João confessa a Paula que mentira sobre o redemoinho do ralo da pia, pois, na verdade, o efeito Coriolis só é percebido na direção da água ou do ar em grandes massas, não sendo observado no escoamento da água pelo ralo de pias ou banheiras, pois a quantidade é pequena. Assim, a água pode escoar pelo ralo tanto em sentido horário como anti-horário nos dois hemisférios. Confessa também à filha que manipulara as experiências a fim de fazê-la crer que ele não havia errado. Admite que o verdadeiro turbilhão estava dentro dele mesmo: sua crise profissional, seus medos e suas inseguranças.

A filha perdoa o pai e revela que sempre o amara, mas estava envolvida com sua vida de hábitos consumistas, e que, agora, depois das recentes experiências, considera-os fruto de uma vida vazia. Ambos se entendem e o amadurecimento e a serenidade chegam, pondo fim ao conflito familiar.



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Antes de iniciar a atividade com os alunos, sugere-se trabalhar com a sensibilização deles em relação à abordagem dos temas, explorando o título do livro e os conhecimentos prévios da classe, tanto em relação ao significado da palavra “turbilhão” como ao que se sabe sobre a cidade de Macapá.

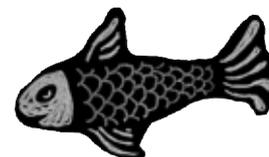
Na seqüência, discutir coletivamente o significado da palavra “turbilhão”, uma vez que ela será abordada na narrativa em seu sentido denotativo (sentido literal) e conotativo (sentido figurado). Algumas questões devem ajudar; pode-se lançar perguntas para a classe como: o que é um turbilhão? Onde podemos observar um? Conduzir a discussão de modo a colher exemplos tanto do sentido denotativo – o turbilhão de um tornado, de areia no deserto, de água – como do sentido conotativo – um turbilhão de pensamentos, de idéias, de emoções. Trabalhar com as duas acepções, incentivando-os a procurar no dicionário e em outros textos em que a palavra apareça. A atividade prepara os alunos para a leitura, pois, no decorrer da narrativa, vários termos fazem referência ao sentido literal (“vórtice” e “redemoinho”, por exemplo). Acrescentamos ainda: “sorvedouro”, “torvelinho”; e, em sentido figurado, “imensa agitação”, “grande quantidade de conflitos interiores”, “voragem”.

Como segunda atividade, vale promover a discussão aberta e encaminhar o diálogo para levantar hipóteses para questões como: onde fica Macapá? Qual a distância de nossa cidade até lá? Como vivem seus habitantes? Por que os personagens vão para Macapá? Por que o autor/narrador escolheu essa cidade?

DURANTE A LEITURA

À medida que os comentários sobre o efeito Coriolis surgem na narrativa, é inevitável a curiosidade para saber se isso é fato ou mito. Além disso, a insegurança e a perturbação do personagem quanto aos seus testes aguçam essa percepção. Pode-se escolher um desses momentos e propor aos alunos que façam testes, enchendo uma pia com água e observando o resultado para compará-lo com o dos colegas.

Para o tema da extensão continental e diversidade brasileira, com pequenas pesquisas dirigidas, complementar informações e estabelecer um ambiente de trocas e discussões sobre o itinerário dos personagens. Pode-se também providenciar um mapa político do Brasil, desenhar a linha do equador e pedir inicialmente que os alunos localizem Macapá e a cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, traçar o roteiro da viagem com uma caneta de tinta colorida conforme a narrativa se desenvolve. Os alunos podem

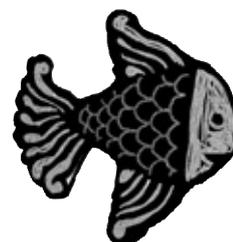


marcar as localidades na seqüência em que são mencionadas, colando um símbolo sobre o local. Por exemplo, foto ou símbolo de Brasília, búfalos na ilha de Marajó, foto do Marco Zero etc. Podem também procurar e colar fotos ou ilustrações dos pontos turísticos de Macapá, dos animais, frutas e pratos típicos da região amazônica mencionados durante a narrativa. O resultado será uma visão concreta da extensão do roteiro e da diversidade brasileira, especialmente da região Norte.

A diferença entre o mundo em que vive Paula e o de João, bem como a visão conflitante de cada um a respeito de tudo, descrita no início da história, é outro tema que pode suscitar interesse e discussões. O pai considera a filha uma “patricinha” da zona sul carioca, caprichosa e preconceituosa, vivendo num Brasil “de mentira”. A filha, por sua vez, acusa o pai de “não fazer nada”, ser esquisito, quase um maluco, que só se interessa por coisas “ruins”, que mora no “fim do mundo”, em um bairro de proletários. Os alunos podem refletir sobre a posição de cada um: o pai está certo ou é a garota quem tem razão? O embate entre as duas visões aponta para uma crítica embutida na história: a existência de dois Brasis, um país “real” – de miséria e fome para muitos – e a de um país “de mentira” – de tecnologia e riqueza para poucos –, que fica clara quando o pai menciona o fato de, ironicamente, uma escola de elite carioca obedecer a traficantes e fechar suas portas por uma semana. Na cena em que vão tomar a vacina obrigatória para viajar para a região Norte, a garota é apresentada ao Brasil “de verdade”: pai e filha atravessam o centro da cidade, com sua miséria e sujeira, mendigos, crianças cheirando cola, arrastão. Esse é um bom momento para conduzir o debate e colher opiniões e experiências dos alunos a respeito de sua própria realidade. A discussão é importante, pois está relacionada com o amadurecimento da jovem, que durante a viagem conhece uma nova realidade de seu país. No final da trama, seu crescimento é visível.

DEPOIS DA LEITURA

A expectativa sobre a verdade a respeito do efeito Coriolis no escoamento da água da pia é preenchida pelas explicações do personagem da história à filha. Entretanto, pode-se ainda questionar o fato de como ele conseguiu manipular os resultados. O professor pode propor aos alunos que façam a mesma experiência que João e Paula: colocar uma tampa no ralo de uma pia, tendo o cuidado de amarrar um barbante para retirá-la depois, encher a pia com água, fazer um movimento com a mão ou com auxílio de algum objeto para o sentido horário; jogar farelos ou espuma de barba. Com a ajuda do barbante, destampar o ralo. A água começará a escoar e, quando a pia



estiver quase vazia, será possível visualizar um redemoinho em sentido horário. A experiência pode ser repetida fazendo o movimento para o sentido anti-horário.

Outro aspecto que pode ser explorado após a leitura é a estrutura circular da narrativa: ela termina onde começa, ou seja, o final remete ao início. Ao vencer suas inseguranças e medos, acalmando seu turbilhão interior, o pai decide dar um novo rumo profissional a sua vida: ser escritor. Conta à filha que vai escrever uma história e lê para ela o início: o trecho é o começo de *Turbilhão em Macapá*. Pode-se solicitar aos alunos que utilizem esse recurso narrativo em suas redações.

O professor também pode pedir aos alunos que reescrevam a história resumidamente ou um trecho dela sob o ponto de vista de Paula, alterando o foco narrativo. Nesse caso, seriam explorados os medos e as inseguranças da jovem diante de um pai que ela praticamente desconhece, em uma viagem inusitada a um local totalmente estranho à sua realidade. A releitura atenta de alguns trechos pode fornecer inúmeras cenas em que o narrador aborda a tristeza ou os receios de Paula, sem, contudo, mostrar seus pensamentos íntimos.

A discussão de outros textos literários que tratam também de alguns dos temas do livro é uma atividade rica em intertextualidade. O professor pode ler para os alunos o poema “Descobrimiento”, de Mário de Andrade, do livro *Dois poemas acreanos*. Nesse texto, o autor, intelectual e morador do Sudeste, em São Paulo, refere-se a um homem simples do Norte, coletor de borracha. Numa espécie de epifania (um momento de revelação fulgurante), reconhece-se nele com o famoso verso: “Esse homem é brasileiro que nem eu”. Pode-se conduzir a reflexão com a sala e pedir aos alunos para traçar um paralelo do poema com o momento em que os personagens estão na casa no meio da floresta: o protagonista percebe, de repente, como uma vida simples e longe da civilização pode ser sábia, sem angústias e medos, apesar das condições precárias de vida.

O mesmo acontece com a garota: ao conhecer Paula, a menina amapaense, a Paula carioca vive a experiência reveladora que encerra o ciclo de amadurecimento despertado pela convivência com o pai e uma realidade oposta àquela em que vivia. A discussão sobre o amadurecimento dos personagens como fruto da dor pode acontecer nesse momento. Para encerrar, tornando o tema ainda mais interessante, pode-se abrir o diálogo para que os alunos troquem suas próprias experiências.

SUGESTÕES DE FILMES

Filmes que exploram a diversidade brasileira podem ser uma boa continuidade da leitura de *Turbilhão em Macapá*, em que provavelmente se despertou uma nova consciência para outras faces do país. Alguns deles são:



Filme sobre o Amapá:

- *O arrote do Boitatá*, de Sandra Rocha (2006) – Curta-metragem realizado no município de Ferreira Gomes, no Amapá, é uma recriação da lenda do personagem do folclore nortista, o Boitatá.

Filmes sobre a diversidade brasileira:

- *Casa de areia*, de Andrucha Waddington (2005) – O filme tem como cenário os Lençóis Maranhenses, no Estado do Maranhão.
- *Central do Brasil*, de Walter Salles (1998) – Com os personagens o espectador viaja do Rio de Janeiro ao Nordeste.
- *Deus é brasileiro*, de Cacá Diegues (2003) – “Deus” é um brasileiro, que tira férias e viaja pelo Brasil à procura de um substituto.